

gm (Amazônia)  
30/4-2/5/95 - 2  
73

OPINIÃO

# Recursos biológicos e investimentos

Joelzio Bahia \*

O aproveitamento dos recursos biológicos e genéticos, como matéria prima para as modernas biotecnologias, potencializando seus usos e aplicações, é o novo paradigma tecnológico com alternativas de conservação da biodiversidade, no âmbito de uma estratégia mais relevante de desenvolvimento sustentado.

Esse paradigma norteia o interesse de grandes empresas pelos produtos naturais sob o comando do capital transnacional. A floresta amazônica com sua rica variedade de plantas medicinais, alimentícias e fornecedoras de óleos saturados, insaturados e essenciais, fibras, resinas, corantes, torna-se um empório fundamental para o crescente mercado globalizado.

Multinacionais desenvolvem auspiciosos projetos no beneficiamento de fibras de coco da Bahia, abundantes em alguns interiores amazônicos, a serem empregadas nos encostos e assentos dos veículos automotivos e da fibra de curauá - em fase de testes - localizada em Santarém e em outros municípios como material de apoio.

A existência de várias palmeiras produtoras de fibras de grande durabilidade e resistência como o *Astrocaryum vulgare* - o nosso tucumã, amplia a capacidade de oferta desses artigos e de seu uso na fabricação de materiais de construção. O tucumã produz ainda o palmito comestível e os óleos de palmiste e de palma, este com alto teor de caroteno e matérias primas de aceitação mundial, na elaboração de cosméticos, sabonetes finos e na medicina orto-molecular.

As oleaginosas da Amazônia

só mereceram a atenção do empresariado local nas décadas de 50 e 60, quando forneceram toneladas de matérias graxas no abastecimento de inúmeras fábricas de sabão pintado nas capitais e cidades interioranas dos estados da região para indústrias do Rio e São Paulo. Seu potencial é imenso. Lembro, quando exerci atividades como químico da Brasil Extrativista S.A, empresas norte-americanas que já importavam essas matérias primas, encomendaram 50 a 100 mil toneladas dos óleos de tucumã, sebo de urucuuba e gordura de muru-muru. Na época não havia condições de atendê-las.

A demanda é cada vez mais promissora. Mas as plantações nativas e adensadas de curuá, urucurí, pirirema e de outras palmeiras férteis em frutos oleaginosos na região do Tapajós podem satisfazer a afeição do mercado. Convém ressaltar que o óleo obtido por prensagem das sementes das variedades mencionadas apresentam propriedades físico-químicas idênticas ao do óleo de babaçu do Maranhão, podendo substituí-lo com vantagem devido a facilidade da colheita e do beneficiamento. Elas oferecem um leque de subprodutos de imediata utilização em ramos industriais. Para alguns prefeitos, o curuá e urucurí constituem verdadeiras "pragas", quanto mais árvores são abatidas no preparo do terreno para cultura de subsistência, outras crescem em dobro, o que torna a plantação nativa inesgotável. Mas o solo só se presta ao cultivo dessas plantas.

O mercado alimentício dispõe do buriti, do tucumã, da pupunha, do açaí, do muru-muru, do patuá, óleo de excelente qualidade com características químicas se-

melhantes ao óleo de oliva e com rendimento superior em 20%. Recentes estudos confirmaram o valor biológico de suas proteínas residuais, sobrepujando em 40% as proteínas da soja. Nesse mercado também cresce a importância dos corantes, devido a proibição da maioria dos produtos sintéticos.

O mercado de inseticidas e raticidas recrudescer a partir da pressão por substituição de agentes químicos por agentes naturais. Dentre esses produtos, destacam-se: o derruí, a quássia, a andiroba, o cumarú, o safrol, a neem, planta indiana domesticada com bons resultados.

O mercado comercial de cosméticos é estimado em 30 bilhões de dólares. As oportunidades amazônicas apontam como matérias primas o sebo de ucuuba, de onde se extrai a trimeristina, proveniente das virolas surinamensis e sebifera, atingindo um valor comercial de 20 mil dólares/ton. Esse mercado inclui ainda, a cera de jabotí, o óleo de palma do tucumã no fabrico de sabonetes finos, essências diversas como o louro cânfora e a pilocarpina - extraída do jaborandi - planta domesticada e explorada pela MERCK. Deve-se ressaltar que o beneficiamento das essências e sementes oleaginosas só se torna rentável se for realizado no próprio local da colheita (por exemplo, nas reservas florestais e extrativistas) e com o aproveitamento das potencialidades dos frutos, folhas, raízes, etc.

Comprovou-se que foi um erro o abate da árvore do pau-rosa para extrair a essência. Bastaria processar os galhos e as folhas, deixando o tronco regenerá-los, mantendo a sustentabilidade da exploração. Segundo Homma, o esgotamento comercial traz o de-

sinteresse por um produto e a medida que o recurso natural vai se reduzindo, antecede-se o esgotamento físico definitivo do recurso extrativista, exatamente como ocorreu com o pau-rosa devido a descoberta do similar sintético. Entretanto, a avaliação da qualidade da essência natural, sua alta cotação comercial, abundância de árvores que ainda existem no Baixo-Amazonas e o fluxo de produção sem extinguir a espécie, valorizam novamente o procedimento extrativista, considerando-se a possibilidade da separação no local do linalol e sua transformação em acetato de linalila. Esse dois compostos, "dizem", compõem a fórmula do Chanel n° 5 e de outros perfumes franceses.

Alfredo Homma ressalta a importância em preservar a Amazônia a fim de se evitar a extinção das espécies promissoras no futuro, mediante a domesticação. Na minha opinião, não basta só preservá-la e domesticar essas espécies. Também é conveniente explorar seus recursos sob a ótica da sustentabilidade. Deixa-lá intocada como um santuário ecológico só tem a grande vantagem de conservar a diversidade biológica e garantir as futuras pesquisas com base nos recursos genéticos a serem manipulados a nível molecular. E quando? E para quem?

Portanto, a domesticação de espécies valiosas, o estudo preventivo da biodiversidade, dos recursos genéticos e a manutenção de um fluxo sustentável de produtos, acredito, é a TRIÁDE que vai promover um novo modelo de desenvolvimento sócio-econômico e ambiental da Amazônia.

\* Químico Industrial e consultor de empresas